

## **MARC FERREZ, FOTOGRAFIA E NEGROS NO BRASIL DO SÉCULO XIX**

### *MARC FERREZ, PHOTOGRAPHY AND BLACK PEOPLE IN BRAZIL OF 19TH CENTURY*

**Ana Carolina Cecchin Chini**

Graduanda/Universidade Estadual do Rio Grande do Sul  
anacarolina.chini@gmail.com

**Igor Moraes Simões (Orientador da Pesquisa)**

Doutor/Universidade Estadual do Rio Grande do Sul  
professorigor@gmail.com

#### **RESUMO**

A pesquisa Marc Ferrez, Fotografia e Negros no Brasil encontra-se em fase inicial e busca, a partir da biografia e trajetória de Marc Ferrez, estudar a fotografia no Brasil do século XIX e as representações de Negros e Negras no período e na produção do fotógrafo. Para a pesquisa, inicialmente coletei dados através de documentos disponibilizados pelo historiador e neto de Marc Ferrez, Gilberto Ferrez. A partir destes registros, alguns pesquisadores têm traçado informações sobre sua vida pessoal e carreira fotográfica. Para compreendermos as direções das produções fotográficas da época, há de se considerar o grande interesse imperial por trás delas. Para tanto, pensaremos a fotografia moderna no Brasil não apenas como uma forma de documentar um país que, através da produção de café, alcançava o ápice de sua modernidade, mas também, como narrativas visuais, imagens que além de criar discursos, são em si o próprio discurso. Descendente de família francesa, Ferrez não só registrava, como também elaborava uma imagem pitoresca de Brasil, o que contribuiu para a construção de uma representação estereotipada de escravidão. Marc Ferrez, através de seus registros, representou uma escravidão plano de fundo, onde escravizados serviam como personagens que quase mesclavam-se às paisagens e, através de composições harmoniosas, fotografou o trabalho escravo e não as pessoas escravizadas, uma vez que os corpos negros faziam parte do cenário.

**Palavras-chave:** Marc Ferrez. Fotografia. Modernismo. Brasil. Século XIX.

#### **ABSTRACT**

The research on Marc Ferrez, photography and black people in Brazil is in its early stages and through Marc Ferrez's biography and trajectory seeks to study photography in Brazil in the 19th Century and the representations of both black women and men in the said century as long as in the photographer's production. For the research, I initially collected data through documents provided by Marc Ferrez's grandson, the historian Gilberto Ferrez. From these records, some researchers have been organizing information about their personal life and their photographic career. In order to understand the directions of the century's photographic productions, one must consider the big imperial interest behind them. Therefore, we will think modern photography in Brazil not only as a way of documenting a country that, through coffee production, reached the top of its modernity, but also as visual narratives, images that besides creating discourses, are themselves their own reasoning. Being a descendant of a french family, Ferrez not only recorded but also elaborated a pictorial image of Brazil, which contributed to the construction of a stereotypical representation of slavery. Through his records, Marc Ferrez represented a slavery background, where enslaved people served as characters that almost blended into the landscapes and through harmonious compositions, he photographed slave labor rather than enslaved people, once black bodies were part of the scenario.

**Keywords:** Marc Ferrez. Photography. Modernism. Brazil. 19th Century.



Figura 1: Lavagem de ouro (1880). Fonte: Acervo IMS Paulista.

No contexto de um Brasil que atingia o ápice de sua modernidade, na fotografia, a mata virgem em primeiro plano quase parece buscar ofuscar as marcas de civilização conferidas pelas casas ao fundo da imagem. No serviço de lavagem do ouro, enquanto um dos homens trabalhadores demonstra-se compenetrado, não deixando-se constranger pela presença do fotógrafo, mostrando-nos como se faz a lavagem do ouro de aluvião, o outro, aparentemente mais jovem, fita a câmera com um olhar subversivo. A enxada, posta em frente aos homens, reafirma a circunstância de trabalho onde encontram-se.

O autor da fotografia, filho de franceses e nacionalizado brasileiro, Marc Ferrez, foi responsável por uma grande parcela dos registros de um Brasil imperial no século XIX. Para dar início a pesquisa sobre suas produções, coletei dados biográficos através de documentos<sup>1</sup>, incluindo fotografias e selos retirados de jornais da época.

---

<sup>1</sup>A partir de 1940, ao longo de toda a sua vida, o historiador Gilberto Ferrez dedicou-se a pesquisar a vida e obra do avô, reunindo uma grande quantidade de fotografias e negativos originais.



Figura 2: Carimbo de Marc Ferrez (1875). Fonte: Acervo Brasileira Fotográfica.

Além disso, também busquei dados a partir da exposição *Marc Ferrez: território e imagem*<sup>2</sup>, com curadoria de Sergio Burgi. A partir de dados disponibilizados pelo seu neto Gilberto Ferrez, alguns pesquisadores têm adentrado a vida do fotógrafo para traçar informações sobre sua vida pessoal e carreira fotográfica. O historiador Gilberto Ferrez foi um grande colecionador de arte e de fotografia oitocentista e do início do século XX, tendo colecionado e publicado diversos livros e periódicos. Em sua coleção, hoje pertencente ao Instituto Moreira Salles<sup>3</sup>, estão negativos de vidro e tiragens produzidas pelo seu avô, além de documentos que comprovam dados sobre sua vida pessoal, utilizados como referência em diversas pesquisas, dentre elas a tese de Mariana Gonçalves de Barros, intitulada *Marc Ferrez e o Rio de Janeiro do seu tempo*.

De origem francesa, o pai de Marc, Zeferino Ferrez<sup>4</sup>, foi a ponta que o conectou às terras brasileiras. Nascido em Saint-Laurent, na França, aos 20 anos de idade passou a integrar a Missão Francesa, sendo registrado como um dos artistas tardios por ter chegado ao Brasil alguns meses após os outros artistas. Zeferino havia estudado escultura e gravura no seu país de origem e, portanto, torna-se o professor pioneiro na cadeira de gravura na Academia Imperial de Belas Artes, sendo, conforme Gilberto Ferrez, iniciador da gravura no Brasil.

Além de professor de gravura, também trabalhou como medalhista, escultor e homem de negócios, sendo um dos precursores na indústria. Estabelecendo seus fortes laços com o

<sup>2</sup> A exposição *Marc Ferrez: Território e Imagem*, apresenta a extensa obra do fotógrafo, presente no acervo do IMS, realizada por todo o país ao longo de mais de 50 anos de sua atuação profissional, entre 1867 e 1923.

<sup>3</sup> *Coleção Gilberto Ferrez*, reunião de 15 mil imagens que não tem rival entre os acervos privados de fotografia brasileira do século XIX, adquirida pelo IMS em maio de 1998.

<sup>4</sup> Nascido Zéphyrin, no Brasil, seu nome foi alterado para português pela dificuldade de soletrar o nome de nascença.

império, em 1842, após uma mostra na Exposição Geral de Belas Artes foi condecorado com a imperial Ordem da Rosa no grau de Cavaleiro<sup>5</sup>.

Em 1851, uma doença acaba tirando a de Zeferino e sua esposa. Após a morte de seus pais, Marc é enviado a Paris para estudar, retornando ao Brasil por volta dos dezesseis anos.

No país, Ferrez foi aprendiz de fotógrafo no atelier da casa Leuzinger<sup>6</sup>, que apenas 6 anos depois solicita e adquire licença para instalar sua própria firma de fotografia, denominada *Marc Ferrez & Cia*. Porém, em novembro de 1873, acontece um grande incêndio que destrói seu estabelecimento. No incêndio, perde seus negativos, imagens impressas e equipamentos. Portanto, grande parte da produção inicial de Ferrez foi perdida.

Desde o início da fotografia, no início do século XIX, fotógrafos já viviam deste ofício no Brasil. Entre 1870 e 1879, além de Marc Ferrez, cerca de setenta fotógrafos e estabelecimentos do gênero atuavam na cidade do Rio de Janeiro. Com a invenção do formato reduzido *carte-de-visite*<sup>7</sup>, que entrou em voga na década de 60, o comércio do retrato se expandiu, o que ocasionou a evolução comercial da fotografia, uma vez que o público ficou cada vez mais numeroso e os preços se tornaram mais acessíveis. Portanto, a maior parte dos fotógrafos da época dedicava-se aos retratos, a maneira mais rápida de obter lucro no ramo, sendo que grande parte deles exercia outros ofícios simultaneamente e, diferente de Marc, não dedicavam-se exclusivamente a fotografia.

Apesar disso, Ferrez, ao contrário da maioria dos profissionais, não se consolidou por meio dos retratos, mas experimentou variados gêneros, dedicando-se principalmente às paisagens. Conforme Barros (2008):

A produção fotográfica tinha no Brasil, sobretudo, o objetivo comercial, o que implicava na importância de uma fotografia documental. O gênero documental, a fotografia como testemunho, levou Marc Ferrez a participar de expedições que incluíam fotógrafos nas equipes. (p.29)

A fotografia de paisagem se consolidou pela necessidade de representações realistas e detalhadas de vistas prestes a serem exploradas. Ela podia ser considerada a cópia perfeita, quase uma impressão digital. Enquanto a pintura e o desenho estavam sujeitos a interpretações

---

<sup>5</sup> Pessoa a quem é concedido um título nobiliárquico por um soberano, ou outro líder político, por relevantes serviços ao país.

<sup>6</sup> Georges Leuzinger fundou o mais prestigiado e importante estabelecimento fotográfico do Rio de Janeiro, tendo funcionado entre 1856 e 1870.

<sup>7</sup> Os cartões de visita fotográficos eram compostos por uma fotografia de cerca de 9,5 x 6 cm montada sobre um cartão rígido de cerca de 10 x 6,5 cm. Foi uma febre da segunda metade do século XIX, o que solidificou a fotografia no Brasil e no mundo e deu origem aos posteriores álbuns fotográficos.

subjetivas e fantasiosas, a fotografia conferia a exatidão e a objetividade aspiradas naquele momento, que não podiam ser superadas por nenhum outro meio de produção imagética. Para o império e seus contemporâneos, a fotografia era a mais impressionante tecnologia da época, sendo capaz de captar as vistas exatamente como eram, não podendo omitir. Entretanto, para Argan:

A hipótese de que a fotografia reproduz a realidade *como ela é* e a pintura a reproduz *como se a vê* é insustentável: a objetiva fotográfica reproduz, pelo menos na primeira fase de seu desenvolvimento técnico, o funcionamento do olho humano. Também é insustentável que a objetiva seja um olho imparcial, e o olho humano um olho influenciado pelos sentimentos ou gostos da pessoa; o fotógrafo também manifesta suas inclinações estéticas e psicológicas na escolha dos temas, na disposição e iluminação dos objetos, nos enquadramentos, no enfoque. (ARGAN, 1970, p.79)

Sendo assim, podemos supor que a fotografia de Marc Ferrez não apenas registrou, como também ajudou a consolidar uma configuração específica do território brasileiro que estava se formando. Através das imagens fotográficas, construía-se um atlas do país, formado pelas escolhas dos lugares a serem mostrados, do enquadramento utilizado e até mesmo da presença de seres humanos nas paisagens, que muitas vezes aparece em meio aos cenários naturais, como que reforçando sua força sublime<sup>8</sup>.

Em 1875, o fotógrafo ingressou na Comissão Geológica do Império, fotografando diversos locais entre Pernambuco e Bahia. A partir deste momento, se estabeleceu como fotógrafo de paisagens e passou a documentar províncias distantes da capital. As fotografias de Marc Ferrez, além de agradar ao império, atendiam às convenções visuais da época, o que o facilitou seu reconhecimento no meio internacional<sup>9</sup> da fotografia.

---

<sup>8</sup> O sublime provoca reações estéticas na qual a sensibilidade se volta para aspectos extraordinários e grandiosos da natureza, considerada um ambiente hostil e misterioso.

<sup>9</sup> Marc Ferrez participou de diversas exposições internacionais, dentre elas a Exposição Universal de Filadélfia, a Exposição Internacional de Bruxelas, a Exposição Universal Colombiana de Chicago, a Exposição Universal de Paris, a Exposição Universal de Saint Louis e da Sociedade Francesa de Fotografia.



Figura 3: Cachoeira de Paulo Afonso (1875). Fonte: Acervo IMS Paulista.

Em 1878, Marc Ferrez faz um investimento que marca a sua vida: uma câmera criada por David Hunter Brandon, feita especialmente para a produção de fotografias panorâmicas<sup>10</sup>. A câmera era uma raridade no meio fotográfico e, para adequá-la ao clima brasileiro, diferente do europeu, onde a câmera foi fabricada, o próprio fotógrafo fez intervenções técnicas no aparelho. Pesando mais de cem quilos, diferenciava-se pela possibilidade de produção de imagens panorâmicas de até um metro e dez centímetros, sem as distorções que muitas vezes eram provocadas pela necessidade de justapor várias fotografias para a obtenção de uma única imagem.

Em minha percepção, o desenvolvimento comercial da fotografia de paisagem, apesar de ter sido um gênero mais custoso do que os retratos, se deu com base no desejo, quase fetichista, de um público viajante estrangeiro de possuir imagens de um lugar tão exótico e diverso dos demais. Além disso, acredito que até mesmo os fotógrafos da área reconheciam esse desejo, o que acabou direcionando muitas vezes os seus trabalhos a esta direção.

O interesse imperial e o desenvolvimento da fotografia de paisagem no Brasil, traz características específicas, tanto geográficas quanto climáticas, além de questões da diversidade da população que aqui habitava, sendo formada por brancos europeus miscigenados com os índios nativos e com os negros de origem africana. Conforme Muaze (2016, p. 37), “cumpria a função de divulgação dos atributos de modernidade ou do exotismo

---

<sup>10</sup> Uma imagem panorâmica deve capturar um campo de vista comparável ou maior do que a do olho humano, que é de 160° por 75° a partir de um ponto de vista, devendo manter os detalhes precisos através do retrato inteiro.

dos lugares e pessoas registrados”. Sendo assim, tudo isso compunha uma visão exotizada que agradava ao gosto europeu por um país que ultrapassou em muitas décadas a abolição da escravatura nos países da Europa.

Apesar de sua fotografia ser principalmente paisagística, com um viés documental, Ferrez também registrava a rotina imperial em vários setores, incluindo as etapas do processamento do café.

### Representações de escravizados em seus ofícios



Figura 4: Escravizados em terreiro de uma fazenda de café (1882). Fonte: Acervo Brasileira Fotográfica.

Uma cena que supostamente pretendia afirmar-se habitual, onde homens e mulheres negros exercem seus ofícios em uma colheita de café. Na circunstância, a distinção entre gêneros não está presente nas funções que cada qual exercia, mas claramente nas vestes, sendo que os homens vestem roupas brancas enquanto as mulheres vestem saias e vestidos, além dos lenços na cabeça. Os pés descalços são uma característica comum a todos os fotografados, exceto um. No canto esquerdo da imagem, podemos observar um homem com uma roupa diferente dos demais, vestindo um terno preto, sapatos e gesticulando como quem dá uma ordem.

A fotografia é de uma organização impecável, ou seja, nenhum dos elementos humanos presentes nela estão desordenados, pelo contrário, me parecem estar milimetricamente posicionados. Aos desavisados, a fotografia pode representar uma escravidão provavelmente como busca ser vista através do registro: domesticada, amena, civilizada, não-violenta e isenta de conflitos. A partir disso, Barros (2008, p. 116) nos propõe uma questão considerável para

esta pesquisa: “A escravidão na obra de Ferrez teria sido suavizada por uma perspectiva que buscava tão somente o belo e o pitoresco?”

Mesmo que a posição dos escravizados, pareça indicar que eles estavam exercendo sua função naturalmente sem nem perceber a presença do fotógrafo, as técnicas fotográficas disponíveis na época denunciavam. O tempo de exposição<sup>11</sup> necessário para a captura da imagem era longo, o que exigia que os fotografados ficassem estáticos por algum tempo, para que seus movimentos não fossem capturados, ocasionando borrões nas fotografias. Isso nos confirma ou ao menos nos sugere que sim, existe uma teatralidade na fotografia de Marc Ferrez.

Na década de 1880 a 1890, o fotógrafo registrou não somente todas as etapas de processamento do café, mas também os personagens envolvidos com sua produção, predominando em suas fotografias não somente escravizados, mas libertos e descendentes de escravizados.



Figura 5: Partida para colheita do café (1885). Fonte: Acervo IMS Paulista.

Nas fotografias intituladas *Départ pour la cueillette du café*<sup>12</sup>, Marc Ferrez registrou homens e mulheres negras rigorosamente organizados segurando seus instrumentos de trabalho

<sup>11</sup> Do ponto de vista técnico, exposição trata-se da quantidade de luz que a câmera consegue atingir ao fazer a fotografia.

<sup>12</sup> “Saída para a colheita do café”.

na partida para a colheita. A legenda, impressa no próprio papel fotográfico, foi escrita em francês, o que denuncia uma possível finalidade da fotografia: em formato de cartão de visita, foi reproduzida para a venda, possivelmente destinada a um público europeu.

Na representação, as pessoas apresentam-se enfileiradas, seus corpos são quase ajustados a estrutura da casa e mais uma vez a divisão de gênero no trabalho é demonstrada. Enquanto homens carregam enxadas, todas combinadas na mesma direção, as mulheres carregam cestas e as crianças são colocadas à sua frente. O homem que aparece alguns passos a frente, veste um terno preto, diferenciando seu traje dos demais, parece tratar-se do feitor, e tem seus pés calçados, demonstrando tratar-se de um homem liberto.

Apesar de grande parte da obra de Marc Ferrez na época destinar-se a fotografia de escravizados em seus locais de trabalho, vale lembrar que haviam libertos e escravizados domésticos que chegavam até o seu estúdio como clientes independentes ou sob custeio da família a quem pertenciam. Ainda, existia um gênero denominado “tipos humanos”, por vezes relacionados ao trabalho, ou seja, a funcionalidade que aquela pessoa possuía. Dentre estas representações, existem diversos retratos de mulheres negras, muitas vezes fotografadas vestindo roupas de indumentária de origem africana e em outras ocasiões representadas seminuas, prática incomum dentre as fotografias produzidas por Marc Ferrez, representando mulheres de descendência europeia.



Figura 6: Negra da Bahia (1885). Fonte: Acervo IMS Paulista.

Ainda que muitas mulheres libertas tenham chegado por conta própria ao estúdio do fotógrafo, diversas representações parecem exotizar e fetichizar culturas de matriz africana e os corpos negros, uma vez que muitas destas imagens foram reproduzidas como cartões de visita, tendo ampla circulação e consumo na Europa. Prova disto, são os próprios títulos dados às fotografias, que raramente carregam os nomes das pessoas fotografadas. Como definido por Ana Maria Mauad (2000, p.97), o registro tratava-se de um “retrato do negro para o branco”.

A partir dos dados visuais presentes nas próprias imagens consideradas pela pesquisa até o momento presente, pode-se supor que o fotógrafo Marc Ferrez não apenas registrou, como também colaborou para a construção de uma imagem pitoresca de Brasil, contribuindo na instauração de uma representação romantizada e estereotipada de escravidão. Sendo ela, representada como uma escravidão plano de fundo, naturalizada, que nada tinha de extraordinário. Marc Ferrez, assim como muitos outros fotógrafos e artistas do Brasil de sua época, não parecia buscar retratar as pessoas escravizadas, de quem foram retirados quaisquer sinais de individualidade e humanidade, mas muito mais seus corpos de exploração, de forma objetificada.

A primeira parte da pesquisa buscou atentar-se sobre a carreira de Marc Ferrez, sua consagração no meio fotográfico do Brasil do século XIX e algumas de suas produções

envolvendo representações de pessoas negras. A partir dos dados visuais presentes nas imagens, de documentos da época e pesquisas que tratam destes assuntos, a pesquisa buscou realizar leituras de imagens com um viés contemporâneo, considerando o contexto histórico e cultural da época em que foram produzidas, pensando na colaboração das mesmas na construção de narrativas sobre a escravidão no Brasil.

Nesta etapa, a pesquisa voltou-se às fotografias de paisagem e registros dos processos do café, atentando-se às pessoas negras retratadas nestes cenários. Apesar disso, Marc Ferrez também às retratou em outros ambientes, como em seu estúdio e nas ruas. A partir disto, a pesquisa pretende seguir pensando estas diversas formas de representação, pensando a exotização e desumanização dos corpos negros conferidos na fotografia do século XIX.

## **Referências**

### Livros

ARGAN, Giulio Carlo. *Arte moderna*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1992.

### Teses ou Dissertações

MUAZE, Mariana de Aguiar Ferreira. *Violência apaziguada: escravidão e cultivo do café nas fotografias de Marc Ferrez (1882-1885)*. Rio de Janeiro: UniRio, 2016.

ELIAS, Alexsander Nakaoka. *Fotografia e império: Paisagens para o Brasil Moderno*. São Paulo: Unicamp, 2012.

BARROS, Mariana Gonçalves. *Marc Ferrez e o Rio de Janeiro de seu tempo*. Rio de Janeiro: PUC, 2006.

### Revistas ou Periódicos

IMS PAULISTA. *Marc Ferrez: território e imagem*. São Paulo: IMS Paulista, 2019.

### Sites

Brasileira Fotográfica. Disponível em: <<http://brasilianafotografica.bn.br/>>. Acesso em: 19.11.2019.

MENEZES, Hélio. Marc Ferrez por Hélio Menezes. 2019. (50m09s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EJxn2yycNYc>>. Acesso em: 19.11.2019.